

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**MUNDO NA SALA DE AULA**  
Terceira Temporada  
Episódio 22: PIBID – Comunidades de Aprendizagem

**Transcrição do episódio:** Gabriel Marçal (Unicamp) e Irene do Planalto (UnB)  
**Revisão da transcrição:** Gabriel Marçal e Daniela Manica (Unicamp) e Irene do Planalto, Cindy Lauren e Soraya Fleischer (UnB)

## Legendas

Blocos

Sonoplastia

## ABERTURA

[Música de abertura: “Ode ao Bozo”, Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa e, em seguida, entram num balanço de rock e ska. Os instrumentos seguem em volume reduzido ao fundo da voz da apresentadora]

“Esse cara é retrocesso  
Ele não sabe de nada  
Governa por decreto  
Ainda banca de esperto  
E defende gente armada”

Irene:

*Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse trabalho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado.*

*Assim como muda nossa maneira de atuar, também nossa “voz” deve mudar. Na vida cotidiana, falamos de um jeito diferente com as diferentes plateias. Para nos comunicar*

*melhor, escolhemos um jeito determinado pelas particularidades e características únicas das pessoas a quem e com quem estamos falando. Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela.*

**Irene:** esse é um trecho da Bell Hooks no livro *Ensinando a Transgredir e você está no Mundo na Sala de Aula!*

**[Transição musical: Instrumental, destaque para a guitarra com efeito que reverbera e dá profundidade na melodia que se repete. Ritmo lento do maracá. Sons de pássaros e flauta ao fundo.]**

**Gabriel:** O Mundo na sala de aula é uma série dentro do Mundaréu, que é um podcast de divulgação científica, produzido pela Universidade de Brasília e a Universidade Estadual de Campinas. Um podcast feito de histórias, contadas por antropólogas e interlocutoras. Produzida por estudantes, a série do Mundo na sala de aula é também destinada aos estudantes, tanto de Ciências Sociais quanto de outras áreas. Entre os temas estão a escolha pelo curso de Antropologia e Sociologia, relatos de pesquisas, esforços para recortar um tema, trabalho de campo, cuidados éticos, a amizade e proximidade com as interlocutoras, entre outros.

**Irene:** E para falar sobre educação, formação à docência, e práticas pedagógicas inovadoras, nada melhor do que ouvir histórias de duas professoras em formação, participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID!

**Gabriel:** O PIBID é um programa financiado pela Capes, que oferece bolsa para estudantes de licenciatura, para que possam ir às escolas de Ensino Básico e aprender na prática mesmo, aprimorando sua formação e contribuindo para a melhoria de qualidade dessas escolas. Bom, eu sou o Gabriel,

**Irene:** E eu sou a Irene, e hoje vamos receber duas pibidianas, que é como chamam as integrantes do PIBID.

**Gabriel:** A Laísa e Carolina vivenciaram o PIBID em plena pandemia, o que gerou experiências com complexidades muito próprias deste momento. Ambas graduandas em Ciências Sociais, Laísa faz pela Universidade de Brasília enquanto Carolina faz pela Universidade Estadual de Campinas.

**Irene:** Laísa e a Carolina, muito bem-vindas, meninas! Vocês podem se apresentar e contar pra gente qual foi a principal motivação para vocês entrarem no PIBID?

**Laísa:** Eu me chamo Laísa, faço Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, cursando 10º semestre, eu me formo na Licenciatura no próximo. Eu entrei no edital 2020/2022, e acredito que a minha principal motivação pra ter entrado no PIBID é porque, eu sabia de dois projetos né, a Residência Pedagógica e o Pibid, eu entrei por conta disso né, pra querer ter uma prática com mais tempo, assim, de qualidade.

**Carolina:** Oi, gente, eu sou a Carolina, eu tenho 23 anos, eu tô no sétimo semestre de Ciências Sociais na Unicamp. Eu participei do mesmo edital PIBID né, de 2020-2022 acabando agora em março. Foi muito importante participar do PIBID pra mim, para eu poder me aproximar da sala de aula. O projeto, ele realmente tem uma prática mais né, além das aulas que a gente tem de estágio

na faculdade, nós vamos realmente fazer um projeto sociológico junto com mais professores, acompanhando a sala de uma outra forma, então o projeto foi muito interessante para isso e poder analisar de uma outra forma né.

## **BLOCO 1 - O PIBID na prática**

**Irene:** Ah, fico muito feliz de ter vocês aqui com a gente, compartilhando algumas experiências que tiveram no PIBID. Vocês participaram do mesmo edital do Programa, e embora em cidades e universidades diferentes, estavam em contexto de pandemia e de isolamento social, né, então fazendo as atividades de maneira remota, dando aulas online... E aí, eu queria saber como foi que vocês fizeram pra vivenciar a prática pedagógica, mesmo nesse momento tão desafiador, e... se teve alguma experiência mais marcante.

**Laísa:** Eu acho que é importante né, falar que esse desejo de ter um maior contato com os estudantes né, se deu no contexto de pandemia, então a gente não esteve presente em sala de aula, que era o que a gente mais queria né, que essa foi minha motivação de entrar no PIBID, então foi a primeira quebra de expectativas, mas somos, no caso do PIBID aqui na UnB, é um projeto interdisciplinar com a história. Como dura dois anos, a gente leu a própria BNCC, a reforma do ensino médio, o currículo em movimento, que é o documento que norteia o ensino médio aqui no Distrito Federal, e chegou um momento que a gente estava reivindicando muito entrar em sala de aula. E não só no GDF, mas no Brasil como um todo, as aulas públicas estavam sendo né, nessa época online e esse contato com os estudantes partiu de algumas oficinas que a gente pensou a partir dos itinerários formativos. O nosso era processo criativo então a gente pensou em trabalhar com audiovisual dentro de sala de aula e aí gente apresentou inicialmente algumas oficinas sobre questões de estereótipos e povos indígenas, essa construção hegemônica da história né porque o nosso cineclub se chama Lado B, que é "a história que a história não conta".

**[Transição musical: Bateria acelerada e seca, acompanhada de batidas de um tambor de metal que reverbera agudo nos primeiros toques de cada repetição do trecho, que segue em declínio gradual do volume ao longo da fala da apresentadora.]**

**Laísa:** E uma das oficinas foi o próprio Cine Debate sobre "A noite por testemunha" que é um documentário que retrata o assassinato do indígena Galdino numa quadra aqui de Brasília, depois que ele não consegue entrar né na pensão onde ele tava. E foi muito interessante porque como a gente já tinha construído esse diálogo inicial com os estudantes, então teve muita gente, teve um momento que a sala chegou a ficar com 25 pessoas, eu lembro disso, assim, e, 25 estudantes né e isso foi muito massa e eles ficavam, o que a gente fez para garantir que todo mundo visse foi transmitir o documentário, a gente tinha um período maior de tempo com eles então a gente transmitiu o documentário, o filme né, perdão. Quando o Galdino deita na parada, para descansar e acontece enfim todos os eventos, eles estavam interagindo no chat revoltados, assim eles nunca ligavam as câmeras, mas nesse primeiro dia né do Cine debate eles ligaram então foi muito interessante ver os rostos né, a gente tem essas gravações até hoje. Na prática né, as oficinas iniciais eles questionaram o termo do índio, porque falar indígena e porque que a gente está abolindo né esse termo "índio", eles ficaram preocupados né em querer saber qual a região o Galdino vinha e Quais são os conflitos que tão rolando lá hoje, e aí a gente disponibilizou vários sites para eles, entrou um pouco na discussão do próprio Marco temporal, então foi muito interessante assim conversar com eles e ver que eles entendem que a questão indígena é uma questão muito importante, que está em pauta e eles queriam saber assim mais.

**Gabriel:** Acho que deve ter sido um processo muito enriquecedor tanto para vocês quanto para as turmas né, ainda mais em um momento delicado como a pandemia. E pra você, Carolina, como foi?

**Carolina:** É... No começo de 2021, a gente estava pensando em atividades para a gente poder começar o semestre, os bimestres com os alunos né, ainda virtualmente, os alunos muito tristes de começar o ano letivo voltando virtualmente. Pensando em tentar fazer esse engajamento acontecer e envolver os alunos em uma discussão que a gente pudesse construir alguma coisa a gente pensou nas músicas, acho que tava num “boom” de lives né, então estava todo mundo querendo assistir as lives, todo mundo tava super afim de músicas. Então a gente falou, vamos ver como que os alunos estão consumindo as coisas, então a gente fez um formulário completo, a primeira etapa foi fazer esse formulário sobre, várias perguntas, falando “você passou a ouvir um gênero novo de música?”, “você deixou de ouvir algum gênero de música?”, “filmes, novo gênero, passou a ver algum novo gênero, você tá ouvindo podcast, está vendo live, você tá vendo BBB?”, né? A gente perguntou de várias coisas que estavam envolvendo eles na época, e aí a cada, cada pergunta a gente perguntava a gente colocava uma intermediária falando qual a sua relação com a sua família e essa música, esse experimento, “você vê filmes com sua família ou você vê filme sozinho?”, “a sua família sabe o que você assiste no YouTube ou você não compartilha esses gostos com a sua família?”. Porque também a gente tava tentando trabalhar, uma coisa que a sala era muito heterogênea né, então os alunos que estavam nessa passagem de se descobrir, talvez LGBTs ou não, ou de afastamento da família, ficar muito tempo junto com a família às vezes não era uma coisa tão saudável, muitos casos delicados na escola, né, que a professora sempre contava para a gente. Passada essa pesquisa de consumo cultural a gente fez um segundo formulário agradecendo todo mundo que respondeu, né, a gente usou memes para divulgar, então o segundo formulário foi para eles indicarem a música favorita deles e falarem porque ela era a música favorita deles naquele momento. E aí a Playlist a gente fez uma por ano né, primeiro, segundo e terceiro ano, só que a gente fez uma por sala também, que foi como a gente fez para as atividades, foi dar essa devolutiva para eles em sala de aula online, mas a gente voltou com eles para falar: olha só as playlists de vocês, “o que vocês tão achando?”. Aí, as playlists ficaram muito heterogêneas, né, com músicas muito diferentes uma da outra e isso foi muito engraçado. É, também a gente passava os cliques, então a gente tentava falar ‘quem foi que escolheu essa música gostaria de falar alguma coisa?’, passava um trequinho e aí eles comentavam, só que muitas pessoas começaram a trazer coisas muito interessantes, “ai eu gosto dessa música porque aconteceu isso na minha vida e a minha família sempre foi assim”, e sempre tinha assim, muito funk, e tinha rap e tinha músicas religiosas. Então a gente tentava conversar com eles para puxar um pouco disso porque alguns alunos que a gente via que eram extremamente reclusos, ou então que tinham essa religião forte na família, que a família era evangélica ou então tinha alguma questão assim, e como que era esse aluno na sala de aula né, porque até então a gente não podia ir na escola presencialmente, a gente não acompanhava todas as aulas online né, e a gente **começou a falar com eles no WhatsApp e aí foi assim que a gente foi se aproximando para fazer atividade, depois a gente disponibilizou a playlist para eles e foi super legal.**

### **[Transição musical: ritmo de bregafunk ou tecnobrega, que remonta “Ode ao Bozo” das Gatunas]**

**Laísa:** Carol, eu achei muito interessante você falar disso né, porque a gente no PIBID também construir um questionário, te ouvindo eu fiquei pensando que embora a gente tenha vivenciado experiências diferentes não só por questões de cidade né, e do próprio edital, por exemplo, o seu edital não era interdisciplinar, como o meu né, então eu achei muito interessante você ter falado desse questionário, porque a gente construiu um também, é, querendo conhecer um pouco mais né, não só os gostos, foi um questionário mais sócio cultural, e a gente ficou muito preocupado com algumas respostas, e pensou como que esses essas produções audiovisuais, tanto a música quanto o podcast, faz um pouco né, forma esse aluno politicamente também, e a gente viu a importância da escola né para guiar um pouco esse processo pensando né, em pensamento crítico desses

estudantes né, de uma educação engajada e principalmente progressista né. A pandemia gerou uma exclusão digital muito grande então por mais que a gente quisesse conhecer os estudantes, a gente sabia que quem respondeu aqueles formulários e quem participou das aulas, era uma porcentagem da turma, infelizmente a gente não conseguia alcançar todo mundo. Eu fiquei pensando muito nisso assim, no processo, porque tem muita gente indo na escola pegar as atividades impressas né, porque não tinham internet, é uma estratégia, eu acho que a bell hooks fala muito sobre a gente criar uma linguagem específica para trabalhar em sala de aula e eu acho que quando a gente apela né, vai por essa ótica mais da cultura, conversar com assuntos, sobre assuntos que eles também tem o interesse por que eles são pessoas extremamente né, interessadas e engajadas, a gente às vezes até se surpreende, sobre os temas que esses estudantes estão gostando de enfim, saber, mas a gente sabe que a gente teve uma experiência pouco limitada né.

## **BLOCO 2: A experiência do PIBID**

**Irene:** Nossa, quanta coisa interessante foi discutida e ensinada, mesmo de maneira online, assuntos super importantes né. E quais foram os aprendizados mais marcantes desses momentos? E os aprendizados que tiveram com as professoras que receberam vocês nas escolas?

**Laísa:** Eu acho que uma das motivações de eu também entrar no pibid é poder construir, saber construir plano de aula né e todos esses momentos que a gente entrou em sala a gente construiu planos de aula, eu tenho todos até hoje. Hoje eu tava fazendo uma coisa né, eu trouxe meu diário de Campo que eu escrevi no PIBID e foi muito interessante ler assim, tem algumas passagens que eu falo né do choro, que a gente chorava muito nas reuniões, ria muito, tudo isso né, discussões, atritos, tudo isso aconteceu e eu acho que a gente fez uma prática pedagógica valorizando muito os sentimentos. Pensando que a gente também leu muito bell hooks, ensinando o pensamento crítico, a gente fez uma leitura coletiva desse livro. A gente trabalhava muito com a categoria de comunidade de aprendizagem né, e a Bell Hooks fala muito, ao longo né, falando dela mesmo e da sua biografia, ela tem muitos contatos com os professores que ela não queria ser e eu acho que dentro do PIBID eu tive contato com os professores eu quero vir a ser e eu acho que a Bibiana é esse exemplo assim, ela é uma professora extremamente progressista, que eu vejo que tem uma preocupação em formar dentro de sala de aula né uma prática mais amorosa, ela é uma professora extremamente empática.

**Carolina:** É, a minha professora Sandra que me acompanhou né, a gente na escola estadual. A professora Sandra é aquela professora que é amiga de todos os alunos, então a gente conversava, conversava sobre as histórias dos alunos, ela sabia da realidade de cada um, conversava com eles, trocava uma ideia sempre no começo ou no final da aula, no corredor. Então sempre nas reuniões, mesmo quando a gente não estava ainda em contato direto com os alunos, a gente conhecia a história de vários, então quando a gente passou a ir à escola em 2022, ela falava, “ah esse aqui é aquele aluno que aconteceu tal coisa que eu contei para vocês”, e ela era uma professora também que tentava acolher todos esses alunos e resolver alguns problemas que estavam ao alcance dela porque quando a gente é professor da Escola Estadual a gente acaba se envolvendo muito, a gente tem essa linha muito tênue entre poder ajudar tudo que a gente pode e tudo que a gente queria né.

**Gabriel:** É, vocês podiam também comentar um pouco sobre as pesquisas e publicações que fizeram a partir do PIBID?

**Carol:** O projeto de sociologia, de PIBID sociologia do IFCH - Unicamp, nós resolvemos continuar o artigo sobre como o neoliberalismo na questão da reforma trabalhista e na reforma do ensino médio vieram a trabalhar a construção de um novo indivíduo pro novo mercado de trabalho né, através das apostilas, através do Plano Nacional de Educação né, porque com o projeto de vida, com as apostilas a gente percebeu que todo o projeto do neoliberalismo levava o aluno a pensar que era uma questão

individual sempre, que era o aluno que construía, se você não tem a sua casa ou se você tem a sua casa, era uma questão individual e a gente tenta trazer isso de outra forma né, falando que não.

**Laísa:** Pra conclusão do pibid né, a gente teria que produzir, numa ótica bastante neoliberal também, que eu acho que entra em diálogo com o que a Carol falou e também com os livros, né, que a gente leu aqui no PIBID da UnB que pensa muito em como que os alunos podem produzir produtos que ajudem eles nessa inserção do mercado de trabalho, então quando a gente pensou na cartilha,

**Gabriel:** essa cartilha, que a Laísa está falando, é um material produzido pelos professores e estudantes do Projeto de Iniciação da Docência de 2020 à 2022, que tá disponível nos materiais extras que você encontra na descrição desse episódio. É uma cartilha com sugestões de aulas, mídias audiovisuais, voltadas para o ensino de Humanidades no Ensino Médio.

**Laísa:** a gente pensou em trabalhar temáticas que fossem progressistas, mas a gente já tava acompanhando que alguns professores estavam tendo muita dificuldade né de construir eletivas orientadas

**Gabriel:** Pra quem não sabe, eletivas orientadas são disciplinas que as estudantes podem escolher para além das disciplinas obrigatórias previstas pelo chamado Novo Ensino Médio. Dentre essas eletivas orientadas, estão as Linguagens, as Ciências Humanas e Sociais, as Ciências da Natureza e a Formação Técnica.

**Laísa:** então a ideia da cartilha seria produzir um tipo de material que o professor quisesse, se ele quisesse né usar do início ao fim, ele conseguiria, então todas as cartilhas começam com uma carta ao professor ou professora, mostrando como que foi o nosso processo de colocar em prática essa oficina né que pode ser trabalhada em um semestre, acrescentando coisas novas também né.

**Música de fechamento: “Ode ao Bozo”, Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa e, em seguida, entram num balanço de rock e ska. Os instrumentos seguem em volume reduzido ao fundo da voz da apresentadora]**

## FECHAMENTO

**Irene:** Ai gente, acabou nem dando tempo de falar, mas o PIBID da UnB fez um podcast muito massa, chamado Pibidiário, onde contam muito mais sobre as atividades que desenvolveram e a relação com a escola onde atuaram. Aproveito para avisar que esses materiais citados pelas meninas, como a cartilha e os artigos, estarão na descrição desse episódio e no site do Mundaréu. Ah, e quantos conteúdos poderosos e inspiradores, que trazem o que há de mais importante para o nossa série, que é a valorização dos conhecimentos e das práticas produzidas desde a graduação, desde inclusive o Ensino Básico, e a troca entre professores e estudantes dos mais diversos níveis! Agradecemos demais a presença da Carol e da Laísa. Muito obrigada pelas histórias e pelas reflexões, meninas.

**Gabriel:** E assim, ficamos por aqui com mais um episódio do Mundo na sala de aula, série do podcast Mundaréu. Fica aqui também a minha gratidão à Carol e Laísa, e que a luta por políticas públicas como essa do PIBID e de todas as outras que estamos abordando aqui nessa série continue com toda essa força necessária.

**Irene:** Também queremos agradecer a toda equipe do Mundaréu, da UnB e da UNICAMP, especialmente às nossas coordenadoras Soraya Fleischer e Daniela Manica. Já aproveitem pra seguir

também o Mundaréu nas redes, estamos como @mundareupodcast. Temos também o site mundareu.labor.unicamp.br/ e integramos a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de antropologia, então fica aí a nossa dica pra conhecer vários podcasts bem legais no site [www.radiokerekere.wordpress.com/](http://www.radiokerekere.wordpress.com/) Nos ouvimos por aí!

**Música de fechamento:** “Ode ao Bozo” - Gatunas.